

**Marx e a Dialética Idealista\***

Ernst Bloch

Quando o estudante Marx chega a Berlim, em 1936, fazia cinco anos que Hegel havia morrido. Mas o seu espírito seguia dominando a todos, como se pudesse ser encontrado às suas costas; isso se estendia até aos inimigos. O jovem Marx escreve ao pai uma carta na qual diz que se sente cada vez mais ligado a Hegel, em que pese sua “grotesca melodia pétreia”.

Sob a influência da esquerda hegeliana e, mais tarde, sobretudo, de Feuerbach, Marx foi deslocando-se, de modo triunfal, do espírito para o homem. Passou da ideia à necessidade e às suas vicissitudes sociais, dos movimentos da cabeça aos da realidade, nascidos dos interesses econômicos<sup>A</sup>.

Pois bem, se Marx deste modo pôs Hegel de pé, Hegel por sua vez demonstrou que seus pés podiam sustentar um corpo robusto. Algumas palavras descuidadas do grande espiritualista parecem escritas não pelo mestre do jovem Marx e sim pelo Marx materialista. Em 1807<sup>1</sup> escrevia Hegel, na cidade de Bramberg, onde trabalhava como redator de um jornal, a seu amigo em Jena, o capitão Knebel: “Estou convencido por minha experiência da verdade do que diz a Bíblia e fiz dela minha estrela polar: buscai, ante a tudo, a comida e às vestes, o reino de Deus lhes será doado por acréscimo”.

Esta sentença tem na Bíblia (Mateus, 6:33), como se sabe, o teor contrário; é uma contribuição a mais, comprovada também pelo jovem Marx, à teoria de que a ideia hegeliana nem sempre necessita virar-se de cabeça para baixo para deixar ver a tela vermelha de que está formada<sup>2</sup>. E justamente este virar-se de cabeça para baixo, traço

\* Tradução de Rubens Vinicius. Revisão de Nildo Viana.

<sup>A</sup> Mais exatamente, interesses de classe, termo mais amplo e adequado que “interesses econômicos” (RMA).

<sup>1</sup> Em 30 de agosto daquele ano. (Correspondência, I, p. 186).

<sup>2</sup> Assim o víamos a propósito da antropologização feuerbachiana da religião e assim também se confirmou, sobretudo, no ponto fundamental da filosofia de Hegel, na teoria da mudança qualitativa. Tampouco esta teoria é produzida por Marx “trazendo-a da Lua”, pela simples razão de que já em Hegel

fundamental do hegelianismo, havia chegado já, no próprio mestre, à sua validade, e estava pronto para realizar-se. Sem dúvida, era à Ideia a que Hegel confiava a tarefa de fazer chegar o que somente advém pelos corpos e pelos homens. Porém, chegou frequentemente a não confiar à Ideia mais que a tarefa de ser o reflexo do que acontece nas relações concretas da existência presente. Esta lei universal dialética foi salva por Marx e Engels, como escreve este último no prólogo do *Anti-Dühring*, “fazendo-a passar à concepção materialista-histórica da natureza e da história”. Ao se tornar concreta, a dialética guia todas as análises de Marx; como irrupção do novo além da aparência e como preservação do que deve ser suplantado<sup>B</sup>, a dialética justifica toda a esperança. É ela que lhe permite se distinguir dos utopistas abstratos e ver na miséria não apenas a miséria, mas também o ponto de viragem. Por isso ele pode ver no proletariado não apenas a negação do homem, mas precisamente por isso, por esta desumanização levada ao extremo, a determinação fundamental de uma “negação da negação”<sup>C</sup>.

O que Marx abole é a dialética hegeliana considerada como a negação ideal do mundo, inclusive do mundo antigo por si mesmo. É esse tema do sujeito espiritual que é abandonado completamente por Marx. Porém, a dialética como processo real é visível

---

não morava na Lua unicamente, nem isso, sequer, era uma heresia que flutuasse no ar como um fantasma. Ademais, a dialética hegeliana refletia os processos mais reais, traduzia na superfície, entre as premissas e a conclusão, o mesmo que de um modo real ocorria por debaixo dela entre os homens nas suas relações concretas de existência. Esta última vitalidade Marx toma emprestada de Hegel, e com ela adquire seriedade a bem ramificada meditação. É verdade que Marx disse uma vez que não havia feito senão “paquerar” com a maneira peculiar de Hegel se expressar; mas esta atitude, não muito comprometedor, se refere somente, *expressis verbis*, ao modo de como se exprime e não como os revisionistas se empenham em entender, falsificando o pensamento de Marx, à dialética mesma, que Marx produziu sua dialética já para sempre e por toda a sua obra. A dialética guia toda a sua análise e ilustra, como o verme na minhoca, mas também como a mariposa no casulo, todas as suas esperanças. É ela (a dialética) que a permite, diferentemente dos utopistas anteriores, os utopistas abstratos, ver na miséria, além da miséria, o ponto em que esta se torna crise e se transforma em rebeldia.

<sup>B</sup> O termo usado no original é *aufhebung*, que quer dizer “superação”. No entanto, no sentido hegeliano, essa expressão significa, simultaneamente, conservação e abolição. Marx usa superação como sendo abolição, sem a ambiguidade hegeliana. Nesse sentido, a tradução mais adequada é suplantação (mantendo o sentido hegeliano usado por Bloch), já que suplantar significa ultrapassar algo desenvolvendo-o.

<sup>C</sup> Aqui a negação, outra possível tradução para *aufhebung*, significa, na interpretação de Bloch, que o proletariado nega a essência humana (trabalho alienado) e depois nega a si mesmo como classe alienada (negação da alienação), o que lhe torna classe revolucionária.

após a destruição da ilusão idealista, ela é a lei do movimento da matéria<sup>D</sup>. Marx supera a arqueologia hegeliana, isto é, o espírito duplamente espiritualizado como recordação, abolindo do movimento dialético do espírito não o espírito e sim o movimento, o processo ou, como diria Marx, o modo de produção da vida. No entanto, agora aparece visível a totalidade e seu substrato real consistente: a dialética, o processo, o conteúdo aberto da matéria. Esta concepção de matéria<sup>E</sup> retira da dialética hegeliana tudo o que ela tem de fantasmagórico e a faz oscilar de um lado para o outro. Isto transforma o fundamento da natureza no ainda-não-existente, ao contrário de uma substância pronta e acabada desde sempre. A matéria dialética não é, de modo algum, a matéria imutável do materialismo mecânico. O adjetivo “dialética”, após sua mutação materialista, é algo mais do que um simples adorno que apenas recobre a superfície. A matéria dialética não limita sua totalidade ao horizonte do passado, como o espírito hegeliano da recordação e como a matéria mecânica em Demócrito, mas busca o horizonte do futuro. A dialética idealista tinha seu fundamento no passado e a dialética materialista no futuro, que está implícito na matéria e que ainda não se revelou, não apenas no fenômeno mas também na essência. É desta forma que o materialismo dialético<sup>F</sup> concebe a matéria.

---

<sup>D</sup> Aqui é preciso destacar que para Marx e Bloch, o uso do termo “lei” não tem o sentido metafísico e nem equivalente ao do uso no caso das “leis da natureza”. Para ambos, as leis são tendências. É por isso que Bloch afirmará que o marxismo é uma “ciência das tendências”. O significado do termo “matéria”, por sua vez, será abordado adiante.

<sup>E</sup> A concepção de matéria de Ernst Bloch, que ele atribui a Marx, é de origem aristotélica, como potência. A formação filosófica de Bloch dificulta que ele perceba que o termo “matéria”, em Marx, nada tem de metafísico, sendo idêntico ao real (em contraposição ao ideal), que, no caso da análise da sociedade, é, fundamentalmente, o social. Nesse sentido, a matéria, como categoria do pensamento, em Marx, abarca tanto o estático quanto o dinâmico, ao contrário das concepções metafísicas, que a transformam em algo puramente estático ou puramente dinâmico. Nesse sentido, Bloch é demasiadamente filosófico e isso tem com fonte não apenas sua formação filosófica, mas sua busca de um fundamento metafísico para a utopia (RMA).

<sup>F</sup> O termo materialismo dialético nunca foi utilizado por Marx, tendo suas origens em Lênin e sua popularização com Stálin<sup>F1</sup>. Bloch retoma esse termo mas num sentido diferente. Apesar da diferença, ele acaba apresentando uma versão metafísica da dialética materialista, que deixa de ser um método (recurso heurístico) e passa a ser uma concepção da realidade presente nela mesma. O “diamat” stalinista é distinto do pensamento blochiano, embora essa concessão linguística dê margem para deformações. Esse problema é menor diante da transformação da dialética materialista, no sentido marxista (concreto, real) em metafísica (algo fora da história e das relações sociais, imanente). Bloch não percebeu que a utopia autogestionária não precisa de fundamento metafísico, basta a análise das necessidades, potencialidades e tendências humanas como seu fundamento material (RMA).

<sup>F1</sup> Cf. VIANA, Nildo. *A Consciência da História*. Ensaios Sobre o Materialismo Histórico-Dialético. 2ª edição, Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.

Marx faz a Hegel a seguinte desaprovação: “Na filosofia hegeliana da história, assim como na sua filosofia da natureza, o filho dá a luz à mãe, o espírito engendra a natureza, a religião cristã produz o paganismo, o resultado cria o começo”. Mas no materialismo mecânico o começo não engendra nem sequer um resultado. Sua matéria é estéril, infecunda; em transformação, a matéria dialética encerra toda a vida do processo em si, fora de si e para si, assinalado por Hegel. Seu reconhecimento destronou o *logos* de Hegel, com toda a sua dominada inquietude e sua inquieta rigidez; mas, em transformação, recolheu o legado de seu reino histórico. Com todas as suas diversidades, qualidades, e o que já não é, evidentemente, algo histórico, senão o decisivo do futuro, a referência a uma totalidade futura e sua profundidade.

Tal é a transformação (qualitativa) de Hegel a Marx e suas consequências: o cortejo dos espíritos se converte em processo material e o conteúdo fixo da recordação num fundo inesgotável de matéria dialética. Isso cria uma produção consciente da história, uma relação verdadeiramente ativa com o todo, sendo uma totalidade ainda por ser transformada. Não era, pois, mera coincidência o fato de Marx ter sido discípulo de Hegel, senão a lógica mesma da coisa, o que fez com que se mantivessem na ordem do dia, no marxismo, tantos termos retirados da linguagem filosófica hegeliana (tais como “alienação”, “alheamento”, “transformação da quantidade em qualidade”, etc.).

As obras mais vivas de Hegel sobre a dialética, para o marxismo, são: *A Fenomenologia do Espírito* e a *Ciência da Lógica*<sup>3</sup>. Mas elas não esgotam o legado, posto que precisamente as obras sistemáticas consagradas à filosofia do real contém uma riqueza dialética sempre nova, de conteúdo muito diverso. Engels escreveu a sua *Dialética da Natureza* seguindo as pegadas de Hegel, e Marx tomou da *Filosofia do Direito* hegeliana a distinção fundamental entre “sociedade civil” e “Estado” e muitas outras coisas que afetam ao conteúdo e que não referem somente ao “metodológico”.

---

<sup>3</sup> Alguns, como Georg Lukács, chegam inclusive a limitar a herança de Hegel ao método pelo qual ele lutou, entendendo que “o corpo morto do sistema escrito” somente tem interesse, hoje, como “pilhagem de filólogos e fabricantes de sistemas” (*História e Consciência de Classe*, 1923). Mas não percamos de visto isso: Engels escreveu uma dialética da natureza seguindo as pegadas de Hegel, e Marx retirou da filosofia hegeliana do direito a distinção fundamental entre “Estado” e “sociedade civil”, dentre muitas outras que afetam o conteúdo e que não se referem somente ao “metodológico”. Hegel como um todo faz parte da história das ideias do marxismo – que como é sabido, não forma uma unidade fechada – ainda que se deva reconhecer que foi o método dialético o que mais a fundo nele se influenciou.

A *Estética* de Hegel está construída em grande parte sobre a base das relações sociais e ordenada segundo estas relações, com uma perspectiva que, ainda significando sempre o “ideal”, não deixa de ser concreta; ali onde o ideólogo intervém na cultura, Marx se refere aos conceitos hegelianos concernentes à arte. Lenin pensou em todas estas referências quando definiu a concepção de Marx “*como a continuação direta e imediata da doutrina dos grandes representantes da filosofia, da economia política e do socialismo*” (As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo). Muitas partes da obra hegeliana – a que menos se deixa de esquecer a este respeito é a filosofia da religião (esquerda hegeliana, Feuerbach) – pertencem, portanto, à história da formação do marxismo, deste marxismo que, segundo já sabemos, não está completo. O marxismo é e continua a ser, como uma “sequela”<sup>G</sup>, um Novum<sup>H</sup> – não só em relação a Hegel, mas toda a filosofia até então – um Novum, porque não é, como anteriormente, a filosofia de uma sociedade de classes e sim a filosofia da abolição da sociedade de classes. Este Novum não surgiu, contudo, por um milagre abrupto; muito pelo contrário: sem a filosofia clássica alemã, sem esta herança, ele não existiria.

O ser humano, diz Marx, se distingue dos demais animais na medida em que, antes de executar o trabalho, elabora um plano em sua mente antes de executá-lo. Para poder atuar com êxito precisa, evidentemente, que pensar a coisa, tê-la na cabeça antes de executá-la. Mas não (como com tanta frequência o faz Hegel) aproximando-se das coisas com um conceito ou um movimento esquemático de conceitos trazidos de fora. O saber não surge das profundezas de sua própria mente e nem é espectador de si mesmo; é, pura e simplesmente, a expressão dos processos reais e de suas formas de existência relativamente permanentes (categorias). Marx, assim como Hegel, não reconhece os fatos como dados e sim somente como momentos de determinados processos. E este aspecto processual faz com que cada saber tenha o seu tempo, assim como a filosofia, que, segundo Hegel, é “sua época expressa no pensamento”.

---

<sup>G</sup> Consequência ou resultado, geralmente de carácter negativo, que decorre de um evento particular (RMA).

<sup>H</sup> A tradução espanhola consultada coloca “uma novidade”, mas no original alemão Bloch usa a palavra em latim, “Novum”, que significa “novo”. Novum, na teoria da utopia de Bloch, significa a abertura para o futuro, a potencialidade existente no presente.

Neste ponto, Marx assimila integralmente o pensamento de Hegel, aprofundando-o de um modo característico e afastando-se do plano da simples contemplação: “Não basta que o pensamento tenda para a realidade; é necessário que a realidade mesma tenda para o pensamento”. O sujeito pensante, nesta interação dialética, se encontra referido à conjuntura ou maturidade histórica do objeto que se trata de compreender. Deste modo se distingue totalmente entre o sujeito como expoente da simples contemplação pensante e o sujeito da história real<sup>1</sup>.

Em Hegel, ambos coincidiam de um modo tão completo como aqui se distinguem: o sujeito criador de pensamentos era também o sujeito criador da história, menos no caso do sujeito contemplador, o da filosofia, que chega muito mais tarde. Mas também esta coincidência *a posteriori* do filósofo, a qual Hegel reduz o sujeito pensante, é, no fundo, o sujeito criador de história, só que *post festum*, descansando sobre suas recompensas. O pensar e o ser, a cara e a coroa, coincidem na moeda cósmica de Hegel, ainda quando a cara no estado de júbilo se limite a registrar a marcha do mundo como ela é.

Por outro lado, Marx não vê no sujeito criador do pensamento absolutamente nada, a não ser um ninho de loucuras, de falsa consciência, de considerações à margem do real, que é o processo de produção. Ou então valora o mesmo pensamento quando se trata de um pensamento embasado em um saber concreto, uma expressão dos acontecimentos reais, como elemento de transformação: somente então, e assim de um modo incondicional, este pensamento é fonte de história. O pensamento como consciência de classe, como ciência<sup>2</sup> revolucionária, que surge necessariamente a partir da produção como força retroativa, é parte do sujeito criador da história, da história produzida de modo consciente. Mas, em Marx, o sujeito

---

<sup>1</sup> Aqui Bloch não percebe que Marx superou a problemática do “sujeito e objeto do conhecimento”, já suplantada por Hegel, e substituído pela teoria da consciência. Isso foi abordado por Korsch<sup>11</sup>.

<sup>11</sup> KORSCH, Karl. *Marxismo e Filosofia*. Porto: Afrontamento, 1977.

<sup>2</sup> No original alemão, aparece a palavra *Wissenschaft*, que quer dizer “pesquisa” ou “ciência” que incorpora saber, aprendizagem, erudição, distinta do significado em inglês, que remete à ciência no atual sentido da palavra, ligado ao empírico. Hegel usa a palavra “ciência” mais ou menos nesse sentido, comum nas universidades alemãs do século 19, como saber totalizante e verdadeiro. Os pesquisadores das universidades americanas, ao visitar a Alemanha, entendiam que o que se produzia nas universidades alemãs era “ciência pura”, pois não era empiricista e nem tinha preocupações “empíricas”.

fundamental nunca é o espírito e sim o homem socioeconômico. E muito menos é o homem abstrato, o homem como simples ser genérico, o homem de Feuerbach. Trata-se do ser humano como conjunto de relações sociais, como ser histórico, como um ser que, em última instância, ainda não se encontrou consigo mesmo nem se emancipou.

É assim que ocorre a relação dialética entre sujeito e objeto, na qual um corrige e transforma continuamente ao outro, girando principalmente em torno da base econômica e social da história<sup>K</sup>, que é até agora o elemento principal do edifício<sup>L</sup>, que se desenvolve no âmbito social dos interesses e não no reino celestial das ideias. Marx interpreta neste sentido a *Fenomenologia do Espírito* de Hegel, como se realmente o seu autor, contrariamente ao seu idealismo próprio, tivesse mantido esta dialética material. O ponto alto da *Fenomenologia do Espírito*, assim entendida, está, de um lado, em que “Hegel concebe a criação do homem por si mesmo como um processo”, e, por outro lado, sobretudo, porque “captura a essência do trabalho e concebe ao homem objetivo, ao homem verdadeiro, por este ser real, como o resultado do seu próprio trabalho”.

A criação por si mesmo do ser absoluto se converte na criação do homem por si mesmo através do trabalho; o futuro (devir) do Espírito (que também em Hegel é uma tarefa ou trabalho árduo) se converte na história real. Esta história existe unicamente como uma história dialético-material, como uma história agitada, em sua totalidade, pela luta de classes, ao final da qual aparece como meta a “emancipação humana”.

---

<sup>K</sup> Bloch utiliza geralmente termos problemáticos para tratar do pensamento de Marx, como “economia”, “base econômica”, etc., retiradas do *Prefácio de Para uma Crítica da Economia Política*<sup>K1</sup>, no qual Marx usa a metáfora do edifício, distinguindo entre “base”, “infraestrutura” da “superestrutura”. No entanto, esses termos metafóricas, tal como já alertava Korsch<sup>K2</sup>, visava apenas ilustrar as relações reais, expressa em conceitos como o de modo de produção e formas jurídicas, políticas e ideológicas, ou, como foi sugerido posteriormente, “formas de regularização das relações sociais”<sup>K3</sup>, ou, resumidamente, formas sociais<sup>K4</sup>.

<sup>K1</sup> MARX, Karl. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. 2ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 1983.

<sup>K2</sup> KORSCH, Karl. *Karl Marx*. Barcelona: Ariel, 1983.

<sup>K3</sup> VIANA, Nildo. *A Consciência da História*. Ensaios Sobre o Materialismo Histórico-Dialético. 2ª edição, Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.

<sup>K4</sup> VIANA, Nildo. *Estado, Democracia e Cidadania*. A Dinâmica da Política Institucional no Capitalismo. 2ª edição, Rio de Janeiro: Rizoma, 2015.

<sup>L</sup> Até agora, pois, na sociedade autogerida, é a humanidade consciente que assume a posição de determinação fundamental através da autogestão social (RMA).

Hegel havia posto fim à sua História da filosofia com uma citação de Virgílio ligeiramente modificada: *Tantae moles eras se ipsam cognoscere mentem* (tanto trabalho custou para que o espírito chegasse a conhecer-se a si mesmo). Para Marx, este esforço não foi nunca puramente espiritual. E ainda que, igual a Hegel, toma como tema da história humana a antiga inscrição gravada no Templo de Delfos: “*Conhece-te a ti mesmo*”, estava muito longe de definir o conhecimento de si mesmo, coincidindo com a esquerda hegeliana, como a simples “filosofia da autoconsciência”. A autoconsciência, em Marx, passa a ser algo ativo, é o processo no qual os trabalhadores tomam consciência da transformação de sua força de trabalho em mercadoria geradora de valor, e que, ao mesmo tempo, supera revolucionariamente sua mercantilização. Esta é inscrição *délfica* em Marx: a *práxis* real, a *práxis* que efetiva a abolição da alienação. Ela é realizada por aqueles que conduzem o processo de produção e o saber sobre as relações humanas estabelecidas por eles, na medida em que ultrapassam a aparentemente impenetrável fatalidade da reificação.

A dialética, assim concebida, não utiliza o processo de abordar as coisas externamente e resignadamente. Na realidade, não foi esta a intenção de Hegel, pois ele também não gostava de uma metodologia separada da matéria, assim como não defendia, como vimos, uma teoria do conhecimento que partisse do exterior das coisas. A dialética de Hegel, apesar disso, se desenvolve como uma dialética puramente idealista, ainda que se refira a países e povos, o faz sempre de acordo com um *apriori* lógico.

Para Marx, ao contrário, a dialética não é absolutamente um método que determina a história, mas é a própria história. A burguesia dentro da sociedade feudal, o proletariado dentro da sociedade burguesa, as crises nascidas do contraste entre o regime de produção da grande indústria, que é uma produção coletiva, e as relações de produção capitalistas que geram a apropriação privada: todas estas contradições, surgidas no seio da sociedade existente em um momento dado, não são contradições que se transportam à coisa mesma de um modo teórico-metodológico, nem são tampouco simples fenômenos superficiais suscetíveis de serem remendados, senão que formam parte, como Marx ensina, do modo de existir da matéria em si, a dialética de sua

essência<sup>M</sup>. A contradição de uma sociedade, quando se vê levada ao extremo, empurra a realidade para a sua superação, não em um livro sobre a realidade, para dar satisfação ao espírito e deixar que a própria realidade siga com as coisas como até ali foram. Em nenhum lugar as coisas, na realidade, seguem sendo as mesmas, pois a força produtiva da dialética revolucionária pode chegar ao novo, mas isto só é possível graças precisamente à dialética real da matéria mesma. Isso é possível graças a uma natureza substantiva, pois nenhuma casa pode ser construída ou pedra ser removida apenas pelas pessoas que trabalham com ideais, tal como uma matéria imaginária ou pedras móveis, tal como os velhos utopistas chamavam o *regnum hominis*, o reino dos homens.

Para Marx, a dialética, para poder mover assim o mundo, como fragmento do universo e nele, tem que ser, o que efetivamente é: história. Todas as categorias e todas as “esferas” (o direito, a arte, a ciência) funcionam unicamente, em uma realidade que se movimenta historicamente, como formas da existência atual e que, longe de formar um sistema fechado que permaneça igual a si mesmo, variam de uma sociedade a outra, sobretudo, não existe para estas “esferas” (para a superestrutura cultural) nenhum tipo de autonomia, que aliás Hegel reconhece.

Marx reconhece a existência de uma unidade histórica através de um processo de mediação: *“conhecemos apenas uma ciência: a ciência da história. A história pode ser considerada a partir de dois pontos de vista: o da história da natureza e o da história dos homens. Porém, estes dois aspectos não são separáveis; enquanto existem homens, a sua história e a da natureza condicionar-se-ão reciprocamente”* (A Ideologia Alemã).

Mas o fundamental, o que aparece constantemente reiterado em toda esta dialética hegeliana recolocada em pé: não se deve permanecer jamais em uma atitude

---

<sup>M</sup> Aqui Bloch reproduz sua concepção metafísica de matéria e dialética, sob forma ainda hegeliana, já que ela seria idêntica ao real. Marx, ao contrário<sup>M1</sup>, entende a dialética como um método, ou, como bem coloca Korsch<sup>M2</sup>, um “instrumento heurístico”, um “recurso mental”, heurístico, que é ferramenta intelectual para analisar a realidade, ao invés de ser a própria realidade<sup>M3</sup>.

<sup>M1</sup> MARX, Karl. “O Método da Economia Política”. In: *Contribuição à Crítica da Economia Política*. 2ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 1983.

<sup>M2</sup> KORSCH, Karl. *Marxismo e Filosofia*. Porto: Afrontamento, 1977.

<sup>M3</sup> VIANA, Nildo. *A Consciência da História*. Ensaios Sobre o Materialismo Histórico-Dialético. 2ª edição, Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.

puramente contemplativa. O sujeito desta relação sujeito-objeto do materialismo pan-histórico aparece determinado como um sujeito ativo, realmente criador. E esta característica anticontemplativa de Marx se dirige sempre tanto contra o materialismo antigo, como contra Hegel. Já em sua tese doutoral Marx sentia falta em Demócrito, o primeiro grande materialista, do “princípio energético”; e, da mesma forma, reprovava Feuerbach por seu materialismo ser também puramente contemplativo, demasiado objetivista. De tal modo que, aqui, a realidade, muito mais que em Hegel, “se concebe somente sob a forma do objeto ou da intuição, mas não como atividade humana sensível, como prática, não de um modo subjetivo” (*Teses sobre Feuerbach*, 1845).

Encontramos assim, em Hegel “o lado ativo, por oposição ao materialismo, e desenvolvido pelo idealismo, mas somente de um modo abstrato, já que o idealismo, como é natural, não conhece, como tal, a atividade real, sensível”. Por conseguinte, Marx não acredita, em última instância, que Hegel abandone o “subjetivo” ou “intensivo”, como acreditam os antihegelianos, Kierkegaard e Schelling, olhando as coisas através de seu idealismo “positivo”. Marx acentua sempre na dialética hegeliana o processo de trabalho, a relação existente sujeito-objeto e nos ensinou que o sujeito, que em Hegel não faltava, por mais abstrato que fosse, é um poder material.

Marx ensina que a vida humana é condicionada e só pode existir no conjunto de relações sociais, mas também ensina que é o homem, através do seu trabalho, que instaura e transforma essas relações. Marx, no lugar da confusão mecânica de um mundo em que absolutamente nada tem sentido além da necessidade externa, conserva a tradição viva, transmitida por Hegel, de um humanismo histórico evolucionário tradicional que vem desde Leibniz. Todo o universo é aqui um sistema aberto de luzes que se cruzam dialeticamente mediante um trabalho de interação. Seu ápice é a humanidade objetivamente não alienada entre objetos que não são alienados. Esta é a concepção de Marx sobre a dialética idealista de Hegel; um tipo de sociedade distinta daquela em que Hegel desenvolveu sua obra é o que hoje reivindica os herdeiros da filosofia clássica alemã.